



JAQUELINE BARBOSA DA SILVA – Núcleo de Formação Docente – Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
LÚCIA FALCÃO BARBOSA - Departamento de História – Universidade Federal Rural de Pernambuco/ UFRPE

NARRATIVAS DE FORMAÇÃO E PROCESSOS AUTOREFLEXIVOS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DO POVO XUKURU

RELATOS DE FORMACIÓN Y PROCESOS AUTOREFLEXIVOS EN LAS LAS PRÁCTICAS EDUCATIVAS DEL PUEBLO XUKURU

RESUMO

Este artigo visa socializar as práticas educativas do povo Xukuru, evidenciando as narrativas de formação como processos autoreflexivos. Como lentes teóricas, aproximamo-nos da concepção de experiência (LARROSA, 2016) e narrativas biográficas (DELORY-MOMBERGER, 2016; JOSSO, 2004; PASSEGGI, 2016; SOUZA, 2007; SUÁREZ, 2017), enquanto narração de sujeitos que reconhecem a si mesmos e se fazem reconhecer pelos outros. Para análise, elegemos a pluralidade de linguagens advindas das narrativas orais, danças, fotografias e contos que compõem as práticas educativas do povo Xukuru do Ororubá, localizado em Pesqueira/Pernambuco-Brasil. As práticas educativas vivenciadas na comunidade e escolas do povo Xukuru aproximam-nos de narrações que nos convidam a compreender a transcendência dos lugares e formas de acesso ao conhecimento.

Palavras-chave: Narrativas Biográficas. Práticas Educativas. Povo Xukuru.

RESUMEN

Este artículo pretende socializar las prácticas educativas del pueblo Xukuru, evidenciando los relatos de formación como procesos autoreflexivos. A modo de lentes teóricas, nos acercamos a la concepción de la experiencia (LARROSA, 2016) y relatos biográficos (DELORY-MOMBERGER, 2016; JOSSO, 2004; PASSEGGI, 2016; SOUZA, 2007; SUÁREZ, 2017), como relatos de sujetos que se reconocen a sí mismos y se hacen reconocer por los demás. Para el análisis, elegimos la pluralidad de lenguajes provenientes de los relatos orales, danzas, fotografías y cuentos que componen las prácticas educativas del pueblo Xukuru de Ororubá, ubicado en Pesqueira/Pernambuco-Brasil. Las prácticas educativas experimentadas en la comunidad y escuelas del pueblo Xukuru se nos acercan a relatos que nos invitan a comprender la transcendencia de los espacios y formas de acceso al conocimiento.

Palabras clave: Relatos biográficos. Prácticas Educativas. Pueblo Xukuru.

Introdução

A narrativa biográfica cumpre a tarefa de testemunhar a forma como os indivíduos compreendem a si mesmos e se estruturam numa relação de colaboração entre o mundo social a prática formativo-educativa.



JAQUELINE BARBOSA DA SILVA – Núcleo de Formação Docente – Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
LÚCIA FALCÃO BARBOSA - Departamento de História – Universidade Federal Rural de Pernambuco/ UFRPE

No Brasil, conforme afirma Souza (2007), o movimento biográfico, tem sua vinculação com as pesquisas na área educacional, seja no âmbito da História da Educação, da Didática e Formação de Professores, bem como em outras áreas que tomam as narrativas como perspectiva de pesquisa e de formação.

Do ponto de vista da literatura, as escritas de si, através dos registros memorialistas, contribuem para esclarecer as dinâmicas multirreferenciais da constituição individual em todas as suas dimensões psíquica e social, psíquica e simbólica, política e educativa.

Assim, a atividade biográfica pode ser descrita como um conjunto de operações mentais, verbais, comportamentais, pelas quais os indivíduos se inscrevem subjetivamente nas temporalidades históricas e sociais que lhes antecedem e os ambientam.

No ano de 2015, através da pesquisa Redes Associacionistas e Trajetos Formativos dos Educadores Indígenas de Pernambuco¹, surgiu o interesse em aprofundar o enfoque biográfico-narrativo.

A aproximação com a temática levou-nos a acessar os referenciais teóricos e proceder o levantamento de eventos e pesquisas que tomavam o tema como objeto de estudo. Aliada a essa busca, passamos a inserir a temática das narrativas biográficas nas ações acadêmicas, ofertando, inicialmente, o curso Redes Sociais para Educação² e, na sequência, procedendo a abertura do grupo de estudo Educação, Trajetos Formativos e Prática Educativa³. Para além destas iniciativas, inauguramos o debate no componente curricular obrigatório Estágio Supervisionado IV – Movimentos Sociais e, mais recentemente, enquanto enfoque de pesquisa, nas orientações do componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

¹ A pesquisa, aprovada e financiada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), financiada pelo CNPq/UFPE, recebeu o terceiro lugar da área de Ciências Humanas na premiação do 23º CONIC/2015.

² Trata-se de uma das ações do Núcleo de Pesquisa, Extensão e Formação em Educação do Campo (NUPEFEC) – Centro Acadêmico do Agreste da UFPE.

³ Neste grupo, iniciado em 2013, sob a coordenação da Profa. Dra. Jaqueline Barbosa da Silva - Núcleo de Formação Docente – CAA, a discussão da educação, enquanto prática social, alia-se aos aspectos da formação humana visando contribuir nos desdobramentos acerca das redes associacionistas, dos trajetos formativos e das práticas educativas dos sujeitos aprendentes. Nessa direção, o assento aos fenômenos sociais destacam-se pelos aspectos das práticas aprendentes e ensinantes – escolares e não escolares, buscando nas narrativas (auto)biográficas um modo descritivo-analítico para compreender as expressões, potencialidades e simultaneidades advindas do ato de rememorar o lugar de pertença do sujeito em diferentes níveis e dimensões do trajeto formativo.



JAQUELINE BARBOSA DA SILVA – Núcleo de Formação Docente – Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
LÚCIA FALCÃO BARBOSA - Departamento de História – Universidade Federal Rural de Pernambuco/ UFRPE

A aproximação com a temática exigiu-nos o uso de outros instrumentos para coleta de informações, fazendo surgir o registro memorialístico, gênero textual e instrumento de autoformação que privilegia o tríplice aspecto das narrativas biográficas: (1) o ato de narrar, (2) o processo de intervenção e (3) a autoformação.

Entretanto, consideramos que o uso deste enfoque, no âmbito acadêmico, constitui-se em um capítulo aberto, quanto à sistematização e divulgação, colocando-nos algumas interrogações quanto ao acesso às informações, como descreve Arfuch (1995): “[...] puede confiarse en relatos apoyados en la fragilidad de la memoria?, es valido extraer de casos individuales conclusiones para el conjunto?” (p. 143-144).

As interrogações de Arfuch (1995) evidenciam a necessidade de reflexão no acesso aos relatos, necessitando algumas pausas nas interpretações e atribuições de sentido e experiências advindas da vida e da obra de uma pessoa, ou grupo de pessoas, seja pela via de relatos ou de qualquer outro tipo de informações e/ou documentações.

Esse artigo, por outro lado, resulta da articulação entre os estudos e visitas da licença capacitação⁴ e a oportunidade de acesso ao território e às práticas educativas do povo Xukuru, sendo tocada, em meio às vivências e conversas com o público da referida etnia e os pares.

Assim, buscamos romper com reflexões voltadas tão somente para o passado, mas aprofundando o referencial teórico da área no uso teórico-e-metodológico da abordagem biográfico-narrativa, elegendo uma vivência ocorrida na realização de um projeto institucional⁵, para compreender, através desta abordagem, a contribuição para o conhecimento de si e a autoformação.

Nesta direção, elencamos a seguinte questão/problema: como a abordagem biográfico-narrativa contribui com o conhecimento de si e a autoformação?

⁴ A licença capacitação vinculou-se ao projeto Narrativas Biográficas: conhecimento de si e autoformação, realizada no período de 90 dias, compreendendo os meses de setembro à dezembro de 2017. No Brasil, a mesma contou com a participação no Núcleo de Estudos e Pesquisas: História, Educação e Culturas – NEPECs, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, sob a tutoria da Profa./Dra. Lúcia Falcão Barbosa. E, em Buenos Aires, ao Programa de Extensão Universitária Formación Docente y Memoria Pedagógica/Faculdade de Filosofia e Letras – Universidade de Buenos Aires, através do Prof./Dr. Daniel Hugo Suárez.

⁵ Nos referimo-nos ao projeto Mediadores de Leitura, através do intercâmbio entre as bibliotecas comunitárias do Recife e o povo Xukuru, realizado com o apoio do Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), do grupo RELEITURA e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência para a Diversidade (PIBID Diversidade).



JAQUELINE BARBOSA DA SILVA – Núcleo de Formação Docente – Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
LÚCIA FALCÃO BARBOSA - Departamento de História – Universidade Federal Rural de Pernambuco/ UFRPE

O transcurso dessa narrativa⁶ tomou como referência a vivência no território indígena do povo Xukuru, onde explicitamos o que nos moveu para seleção do referido Povo e a transformação que nos ocorreu ao longo destes oito anos (2011-2018)⁷.

Dessa maneira, tecemos os registros baseando-nos na escuta dos sujeitos que se fizeram presentes no nosso itinerário, especificamente aqueles/as que, no ano de 2016, desencadearam o projeto didático-pedagógico De Mandaru a Tatuí: a nossa organização é nossa resistência⁸.

Logo, sistematizamos nossas vivências em três partes. Na primeira parte, apresentamos o território político-cultural e educativo do povo Xukuru. Na segunda, evidenciamos a ancestralidade permeada no fazer educativo do referido povo. E, por fim, tecemos breves considerações sobre o alcance das vozes do povo Xukuru no processo autoformativo, enquanto não pertencente ao território e sendo não indígena.

O território político-cultural e educativo do povo Xukuru

Ao falar de vozes do povo Xukuru do Ororubá apresentamos uma nação, localizada no agreste pernambucano, rodeada por espaços bucólicos e montanhosos onde edifica-se a ancestralidade, marcada pela fé, força e resistência. Nesta direção, o desafio vem através da ampliação da sensibilidade do ver, sentir e escutar as vozes daqueles/as que tem enfrentado o mundo colonizado com garra, autenticidade e determinação.

Para tanto, nos utilizaremos do gênero memória, enquanto dispositivo formativo de um itinerário compreendido por histórias e vivências, o qual encontra-se estruturado em duas partes: (1) vejo-e-leio; e, (2) escuto-e-sinto. Na primeira parte, procuramos responder a seguinte questão: quê(ais) lentes utilizamos para ver e ler o território político-cultural e educativo do povo Xukuru?

⁶ O artigo é resultado da pesquisa de licença capacitação vivenciada entre o departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco e a Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, no período de setembro a dezembro de 2017.

⁷ A aproximação com o povo Xukuru foi impulsionada através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência para a Diversidade (PIBID Diversidade) e do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, em sua segunda edição (2014-2018).

⁸ Mandaru foi o nome dado ao Cacique Marcos pelos encantados, a partir do momento que foi escolhido e aceitou o comando da missão. Segundo alguns professores Xukuru, a palavra significa Guerreiro e ainda referenda o nome de um líder africano, que como Xicão teria sido também escolhido para comandar, com sua coragem, processo similar de emancipação de seu povo.



JAQUELINE BARBOSA DA SILVA – Núcleo de Formação Docente – Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
LÚCIA FALCÃO BARBOSA - Departamento de História – Universidade Federal Rural de Pernambuco/ UFRPE

A segunda parte é composta de desafios, advindos de como traduzir para a escrita as escutas das vozes dos conhecimentos e o que nos tocou nas narrativas do fazer educativo.

A organização social dos povos indígenas sugere uma concepção de território que supera a visão político-administrativa (União, Estados e Municípios), exigindo autonomia na relação com o Estado e com a sociedade, aproximando-os dos espaços de decisões, caracterizados pela presença de diferentes instâncias deliberativas, instituídos pelo povo,

[...] a exemplo da Equipe Jupago, Coletivo Poιά Limolaigo, Assembleia interna do povo, realizada anualmente no mês de maio, bem como, Conselhos específicos que complementam a organização social, tais como: o Conselho de Saúde (CISXO) e o Conselho de Educação Xukuru (COPIXO). (SILVA, 2017, p. 143)

Essas instâncias passam a ser fortalecidas com o surgimento da Comissão dos Professores Indígenas de Pernambuco (COPIPE), em 1999. E, em 2004, sob a reivindicação da COPIPE, passa a funcionar o Conselho Estadual de Escolar Indígena, o qual funciona até os dias atuais.⁹

Assim, o território passa a ser a referência nos planos de vida para efetiva autonomia e autodeterminação, ocupando um conceito central no processo pedagógico-educativo e na organização administrativa da escola.

Nesta perspectiva, a rede escolar do povo Xukuru conta com 38 escolas, localizadas em oito aldeias, são elas: Pé de Serra dos Nogueiras, Cana Brava, Mascarenhas, Brejinho, Pé de Serra do Oiti, Pelada, Pão de Açúcar e Cimbres. Estas aldeias distribuem-se em três regiões: Agreste, Serra e Ribeira.

As escolas e a comunidade consolidam o processo de participação social autônoma, construindo espaços de organização, deliberação, execução e socialização das informações.

O público das escolas indígenas é composto por diferentes sujeitos da comunidade: merendeira, mães, lideranças, professor de arte indígena, coordenador das escolas e vigilantes, ambos acompanham e participam do cotidiano das crianças no espaço escolar e não escolar.

⁹ Para maiores informações ver **A interculturalidade no currículo da formação de professoras e professores indígenas no programa de educação intercultural da UFPE/CAA - Curso de Licenciatura Intercultural**, Tese de Doutorado, defendida em 2017, no Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da UFPE, de autoria de Eliene Amorim de Almeida.



JAQUELINE BARBOSA DA SILVA – Núcleo de Formação Docente – Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
LÚCIA FALCÃO BARBOSA - Departamento de História – Universidade Federal Rural de Pernambuco/ UFRPE

E, o projeto didático-pedagógico, intitulado De Mandaru a Tatuí: a nossa organização é nossa resistência, desencadeado, no ano de 2016, nas escolas do povo Xukuru, reafirma a perspectiva dialógica que inclui o fazer escolar e a vida em comunidade.

Nessa narrativa priorizaremos a rememoração da vivência no povo, evidenciando o ver e ler nas Escolas Indígenas Chico Quele, Memby e Monsenhor Olímpio Torres, ressaltando os acontecimentos que aproximou-nos da fé, força e resistência do povo Xukuru. A fé advém da cultura simbólica, representada pelo sagrado e nas histórias contadas ao longo das gerações. A força do povo revela-se na manutenção dos costumes e dos conhecimentos próprios. Quanto à resistência é evidenciada nas histórias de lutas, conquistas e pertencimentos com a manutenção da memória herdada.

Na aldeia Pé de Serra dos Nogueiras encontra-se a Escola Indígena Memby, em meio a paisagem bucólica, reverenciando a natureza.

A presença e proteção dos encantados e da mãe Tamaim, reverenciados pelo do Toré¹⁰, Pajelança e histórias que demarcam a ancestralidade do povo. A aproximação com o sagrado é expressa pelos mais velhos, apreendido pelos jovens e, assim, alcança-se às gerações futuras.

As lideranças mantêm a tradição, disseminando entre os sujeitos o cultivo da cultura, reforçando a fé nas orações, na dança e nas músicas que retratam a natureza e os encantados.

Como o Toré, a música soma-se a linguagem escrita e assim nos deparamos com o registro de produções próprias, a exemplo das histórias narradas, sistematizadas em livro e disponíveis nas escolas indígenas¹¹.

Na Escola Chico Quele, o livro *Meu Povo Conta*, o registro das histórias contadas pelos povos indígenas de Pernambuco constitui-se como um dos recursos didático-pedagógicos disponibilizados no trabalho docente, sendo selecionadas as histórias Pedra do Portão e Nêgo D'água para narração.

A contação de histórias, pelas educadoras, alimenta o imaginário das crianças, causando uma espécie de impacto aos ouvintes. O ato de narração as histórias ocorridas no povo é uma constante no cotidiano escolar e referencia uma mediação que envolve fé, socializando, em sua maioria, histórias próprias da cultura indígena, a qual qualifica e desafia a roda de conversa e o registro.

¹⁰ Dança realizada, em sua maioria, nos espaços sagrados que desempenha, desde cedo, a mística e o cultivo da fé.

¹¹ A exemplo do livro **Meu povo conta**, 2ª ed., Olinda/PE: Centro de Cultura Luiz Freire, 2006.



JAQUELINE BARBOSA DA SILVA – Núcleo de Formação Docente – Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
LÚCIA FALCÃO BARBOSA - Departamento de História – Universidade Federal Rural de Pernambuco/ UFRPE

A história da Pedra do Portão, que passamos a conhecer, passa-se na mesma aldeia onde localiza-se a Escola Indígena Chico Quele, Pé de Serra.

A história da Pedra do Portão afirma que o “[...] Reino Encantado ainda não morreu, é um reino vivo e um vivente encantado é uma obra da natureza” (PERNAMBUCO, 2006). As lentes que utilizamos para acompanhar a leitura de história para as crianças das multiturmas¹² foram insuficientes para compreender o solo sagrado que nos recepcionava.

A escuta da história, no território onde a mesma ocorreu, vislumbrando todo o cenário rememorado pelo senhor Joaquim Galinheiro, a voz que nos chega remete-se a um conhecimento próprio desse povo, o qual advém de um legado de fé que mantém e é renovado a cada geração.

A história do Nêgo D’água¹³ não é diferente do que nos exigiu o escutar-e-ver na contação da Pedra do Portão. Ambas, contribuem no reconhecimento e validação dos saberes gestados na cosmologia indígena, aportando para uma descolonização do saber.

O ver-saber, em Nêgo D’água, reporta-se, mais uma vez, a natureza. Pareceu-nos haver uma permanente referência a aproximação com a terra e os mais velhos, evitando que as gerações futuras enfrentem a cegueira cultural.

Assim, a fé do povo Xukuru alia-se a força que demarca a resistência da memória e luta advindas do processo de retomada das terras indígenas, especificamente do povo aqui referendado, localizado há aproximadamente 215km da capital pernambucana, entre os municípios de Pesqueira e Poção¹⁴.

A existência da nação Xukuru tem seu marco na década de 80, quando seu líder Francisco de Assis Araújo, Cacique Xicão, inicia um trajeto de luta que desemboca na reconstrução da identidade étnica.

O ano de 2009 passou a ser uma referência no calendário de conquistas do povo, ocasião em que a aldeia Cimbres, situada na fazenda de Josa, passou a pertencer ao território Xukuru, uma conquista iniciada na aldeia Pedra D’água, nos anos 90.

Da organização e orientação dos encaminhamentos no povo até o reconhecimento das terras indígenas ocorreram 24 retomadas. Assim, evidenciamos

¹² Designação dada aos espaços de sala de aula que se caracterizam pela presença de sujeitos que se distanciam do local de moradia, representa uma heterogeneidade de idade e/ou nível de escolarização.

¹³ Para os indígenas Nêgo D’água é um encantado das águas, vinculado aos peixes. E, quando as pessoas sujam o rio São Francisco e diminui os peixes, o Nêgo D’água fica sem aparecer, nota extraída do livro **Meu Povo Conta**, 2006.

¹⁴ A nação Xukuru habita um território de 27.555 hectares, totalmente regularizado, com uma população de 11.200 índios, distribuídos em 23 aldeias.



JAQUELINE BARBOSA DA SILVA – Núcleo de Formação Docente – Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
LÚCIA FALCÃO BARBOSA - Departamento de História – Universidade Federal Rural de Pernambuco/ UFRPE

que esse processo testemunha a resistência do povo, trazendo à tona às conquistas e o legado iniciado pelo Cacique Xicão.

Com o tombamento de Xicão para o mundo dos encantados, em 1998, o legado das conquistas do povo tem continuidade através do seu filho, Marcos Luidison de Araújo, Cacique Marcos. A preparação do Cacique Marcos ocorreu desde a infância, acompanhando seu pai nas lutas no/para o povo.

Itinerário teórico-metodológico

O enfoque biográfico-narrativo utiliza-se do paradigma hermenêutico¹⁵, destacando a função do sujeito como intérprete, em diferentes tempos e espaços, articulando lembranças e as possibilidades de narrar experiências.

Contar las propias vivencias, y "leer" (en el sentido de "interpretar") dichos hechos/acciones, a la luz de las historias que los agentes narran, se ha convertido en un perspectiva peculiar de investigación. La subjetividad es, también, una condición necesaria del conocimiento social. El juego de subjetividades que se producen en un relato biográfico, basado en un diálogo consigo mismo y con el oyente en busca de una verdad consensuada, es un proceso dialógico, privilegiado de construcción de comprensión y significado. (BOLIVAR e DOMINGO, 2006, p. 04)

Bolívar e Domingo (2006) chama-nos a atenção para a virada da subjetividade, onde a reflexividade e a pluralidade das identidades, em que as histórias são narradas, rompem com a linearidade dos fatos na narração atentando-se para a pessoa em formação quanto ao seu modo de perceber-se e ser, bem como de conceber o mundo e de se conceber no mundo.

Suárez (2017) afirma como característico das narrativas a rejeição de métodos universais e excludentes nas produções de conhecimentos, métodos homogêneos que unificam ou mesmo tempo que excluem. Assim, as narrativas trazem consigo o pluralismo metodológico que corresponde a uma variedade importante de estratégias metodológicas e um uso criativo e heterodoxo dos recursos de investigação.

¹⁵ A dimensão biográfica vincula-se ao enfoque hermenêutico compreendendo-o como uma elaboração cumulativa e integrativa da experiência evidenciada na trama narrativa, enquanto modo de apreensão e de inteligibilidade da vida.



JAQUELINE BARBOSA DA SILVA – Núcleo de Formação Docente – Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
LÚCIA FALCÃO BARBOSA - Departamento de História – Universidade Federal Rural de Pernambuco/ UFRPE

É importante, ainda, assinalar que a investigação narrativa não é parte da investigação qualitativa convencional, compreende um enfoque específico e próprio, diferenciando-se da investigação qualitativa convencional.

Para Delory-Momberger (2016) a escrita da vida, à qual remete a etimologia da palavra biografia, deve ser aqui entendida como uma atitude primeira e específica da vivência humana.

Em Alejandro J. Capritati (2016, p. 228) a biografia contém riscos, devendo ser controlada por meio da clareza teórica da investigação,

Por claridade teórica no hago referencia a sofisticada teorías ni a complejas proposiciones sistemáticas com capacidade predicativa, sino a um marco conceitual, com mayor o menor nível de abstracción, más o menos embebido en teoría substantiva, que permita distinguir la información relevante, definirla y articularla em uma explicación; solo así, las conclusiones alcanzadas pueden superar el umbral de la anécdota, información irrelevante al conocimiento científico.

A relevância, ressaltada por Capriati (2016), se expressa quando os aspectos políticos, econômicos e sociais ocupam, na perspectiva de quem olha, o horizonte interpretativo e não utópico, iniciando-se um movimento racional de expansão infinita, abertura para a autoreflexão.

Nessa direção, as narrativas constituem uma metodologia de investigação do sujeito em dois viés: a narrativa autobiográfica que se insere numa metodologia autorreferente e a narrativa biográfica que se constitui no processo autorreflexivo.

Para Abrahão e Frison (2010), a abordagem da metodologia autorreferente põe o sujeito na construção da investigação. Enquanto que, a narrativa biográfica atua como autorreflexiva, sendo o sujeito o autor de sua própria biografia, de forma que, o mesmo aprenda com a tomada de consciência a partir da sua própria reflexão.

Evidentemente, a aproximação com este paradigma rompe com a ciência moderna, como modelo-padrão-referência de sociedade, de ser e de saber. Desta maneira, a evidência a outras dimensões da vida humana alicerça-se na visão de que a vida, a realidade, o ser humano e o conhecimento não se constituem de etapas lineares e estaques, mas de simultaneidades difusas, intersecivas e interdependentes (SILVA, SILVA E SILVA, 2014).



JAQUELINE BARBOSA DA SILVA – Núcleo de Formação Docente – Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
LÚCIA FALCÃO BARBOSA - Departamento de História – Universidade Federal Rural de Pernambuco/ UFRPE

A investigação teórico-metodológica, ao privilegiar o enfoque biográfico-narrativo, exige-nos não apenas distinguir, mas melhor apreender o que a constitui e representa.

[...] a dimensão biográfica deve assim ser entendida como uma elaboração cumulativa e integrativa da experiência segundo uma hermenêutica que faz da trama narrativa seu modo de apreensão e de inteligibilidade da vida. (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 136).

Para Delory-Momberger (2016) reconhecer o fato biográfico é introduzir a dimensão do tempo, e mais especificamente a temporalidade biográfica em sua abordagem dos processos de construção individual, onde organiza-se e constrói-se a experiência segundo a lógica de uma razão narrativa onde algo inicia-se, desenvolve-se e chega ao fim, em uma sucessão de acúmulo e sobreposição de episódios, os quais podem constituírem-se em história de um instante, história de uma hora, de um dia, história de uma vida.

Em Passeggi (2016) o sujeito epistêmico e empírico são concepções propícias ao exercício da biografização, que concebe o sujeito biográfico na complexidade dialética da humanidade e de suas múltiplas faces, evidenciando a diferença entre os vários sujeitos da biografização,

[...] o sujeito epistêmico (sujeito do conhecimento), capaz de conhecer, de refletir, de sistematizar; e o sujeito biográfico (sujeito do autoconhecimento), capaz de conhecer-se, de refletir sobre sua própria natureza, o que o faz humano, em que e porque se diferencia de outros seres ou a eles se assemelha, para daí depreender teorias. O que importa é que o autoconhecimento constitui a condição necessária para conhecer: “os deuses”, simbolicamente, tudo o que nos governa, e “o universo”, simbolicamente, tudo o que nos rodeia, empírica e culturalmente, pois o lugar onde habitamos é feito de coisas e de ideias sobre as coisas (PASSEGGI, 2016, p. 70-71).

Passeggi (2016) chama-nos a atenção para a indissociabilidade entre o sujeito do conhecimento e do autoconhecimento, exigindo-nos deixar de lado muitos séculos de discussões sobre o humano para tomar como hipótese que a ruptura entre o sujeito do conhecimento e o sujeito biográfico se evidencia com o advento da pesquisa científica.



JAQUELINE BARBOSA DA SILVA – Núcleo de Formação Docente – Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
LÚCIA FALCÃO BARBOSA - Departamento de História – Universidade Federal Rural de Pernambuco/ UFRPE

Nessa virada científica, evidenciamos o acúmulo da produção científica do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA), que tem em 2018 a realização de sua VIII edição. A quarta edição deste evento contou com a participação do BIOgraph¹⁶, criada em 2008 com o objetivo de

1. congregar os profissionais brasileiros que pesquisam (auto)biografias, memória, histórias de vida e práticas de formação; 2. promover e coordenar estudos e pesquisas, eventos e ensino no âmbito da pesquisa (auto)biográfica, memória, histórias de vida e práticas de formação; 3. dialogar com associações congêneres, especialistas nacionais e internacionais e desenvolver ações interdisciplinares no campo de pesquisa-ensino; 4. estimular a divulgação e informação das produções na área de pesquisa (auto)biográfica, memória, histórias de vida e práticas de formação; 5. promover a crítica e pluralismo teórico na área em suas diferentes produções e atividades (Art. 3º Estatuto BIOgraph, 2017).

O evento, CIPA, aliado a Associação BIOgraph inaugura um campo fértil e de referência no Brasil, fazendo expandir as práticas narrativas (auto)biográficas e contribuindo na evidência de novos sujeitos, experiências e narrativas que darão sentido o fazer e o pensar a educação e a formação. E, como afirma Suárez (2014), na Argentina, só nos últimos 20 anos é que as estratégias de investigação (auto)biográfica e narrativa tem se tornado amplamente dominantes e generalizadas. E ainda,

[...] sólo muy recientemente algunos de estos grupos e investigadores hemos cobrado alguna visibilidad en el campo educativo local y hemos tomado la palabra en el debate público y especializado de la investigación en las ciencias de la educación *desde* un enfoque explícitamente (auto)biográfico y narrativo (p. 768).

Ou seja, como na Argentina, conforme relatado por Suárez (2014), os países da América Latina e Europa também tem expandido suas produções. No Brasil, o conjunto de associações científicas, a exemplo da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (BIOGraph); Associação Norte e Nordeste de História de Vida em Formação (ANNHIVIF); Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd); e, Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), e

¹⁶ Associação Científica sem fins lucrativos, para maiores informações acessar: <<http://www.biograph.org.br>>.



JAQUELINE BARBOSA DA SILVA – Núcleo de Formação Docente – Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
LÚCIA FALCÃO BARBOSA - Departamento de História – Universidade Federal Rural de Pernambuco/ UFRPE

Universidades, em especial a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Estadual da Bahia, Universidade do Rio de Janeiro e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, tem se destacado através dos grupos de estudo e pesquisa.

No que se refere à metodologia adotada no estudo, destacamos que o enfoque biográfico-narrativo é um meio de investigação e um instrumento pedagógico. Essa dupla função justifica a utilização do método no domínio das ciências da educação e mais especificamente, no âmbito do trabalho com as narrativas.

Nesta direção, nos debruçamos sobre as linguagens que dão força as práticas educativas do povo Xukuru, composta pelas narrativas oral e imagética, através do que nos foi disponibilizado, orações, relatos, fotografias, dinâmicas e atividades didático-pedagógicas, confirmando a relevância e o significado da temática para o campo das pesquisas em educação.

A compreensão do ser como inacabado favorece as múltiplas manifestações da vida, do ser humano inconcluso e polissêmico, introduzindo uma ponte entre sujeito e objeto. E, mais ainda, implicando na

[...] emergência de uma concepção científica mais acessível à pluralidade do saber humano, ao mesmo tempo em que reconhece a perspectiva da complexidade como estruturante da existência do ser no mundo. Nestes termos, a memória aparece como elemento fundamental na articulação de sentidos entre o individual e o coletivo (SOUZA, 2007, p. 64-65).

Para Souza (2007) a relação tempo-memória-narrativa articulam-se com os fenômenos sociais, passando pela atribuição de sentidos e significados das experiências individuais e coletivas.

Assim, o ato de narrar-se é convocado para o diálogo com o sujeito que aproxima-se dessa vivência reconhecendo as mudanças que desloca-se numa processo de autoformação.

O encontro com os sujeitos invisibilizados socialmente nos coloca diante de descobertas contrárias aquelas que apresentadas ao longo do processo de escolarização. O absoluto modelo colonizador e subordinado a uma imposição vertical de transmissão do conhecimento passa a ser modificada. O encontro com o povo Xukuru revela que a história dos povos indígenas se distingue daquelas narradas nos livros didáticos, fazendo-nos afirmar a omissão de uma história de vida real.

O espaço entre a sociedade colonizadora e indígena desafia-nos a ingressar no âmbito do mundo simbólico e cultural. A revelação da existência dos sujeitos



JAQUELINE BARBOSA DA SILVA – Núcleo de Formação Docente – Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
LÚCIA FALCÃO BARBOSA - Departamento de História – Universidade Federal Rural de Pernambuco/ UFRPE

colonizados evidencia a resistência que penetra a hierarquia colonial e se constitui num ato de criação que permite descobrir a si mesmo e mostrar-se, ao mesmo tempo, ao público.

Como diz Martínez (2017: 164-165) el autor memorialista le deja un gran papel creativo al lector que reacciona ante el sujeto de la confesión mediante un acto-respuesta afectivo.

Mesmo diante dos avanços propostos por esse enfoque, não podemos deixar de sinalizar os limites e perigos no uso do mesmo, uma vez que, ao mesmo tempo em que dar voz aos sujeitos, também torna-se um dispositivo de poder quando disponibilizado aquele/a que revela o domínio da linguagem escrita diante do outro/a que desnuda-se do conhecimento da vida.

A ancestralidade no fazer educativo do Povo Xukuru

Os espaços, relatos e imagens, referenciados anteriormente, revelam a força da existência de um povo, demarcando sua identidade na tradição das práticas de ensino e aprendizagem que constituem o fazer educativo.

A cura, advinda do uso das ervas medicinais, reforça a tradição milenar, advinda do cultivo e colheita de plantas que carregam o poder de eliminar as doenças físicas e espirituais.

As crenças e os valores dos povos indígenas provêm de um conhecimento compartilhado, o qual orienta o modo de vida e fé específico. Porém, as lentes não indígenas mantêm-se embaçada na compreensão dos conhecimentos tradicionais.

O jupago, o abano, a saia, a cesta, entre outros, mantêm viva a cultura material do povo Xukuru. Ambos são confeccionados por materiais advindos da natureza, especificamente, madeira e plantas. Estes símbolos são utilizados no cotidiano do povo e nos espaços que exigem a apresentação da fé e identidade.

A barretina é própria do povo Xukuru, o seu uso traz proteção aos sujeitos que usam-a. Já a maracá é um instrumento musical, utilizado no Toré.

Por enquanto, falta-nos mecanismos de diálogos que promovam e pratiquem a interepistemicidade, fazendo-nos desprender do crer e fazer corriqueiro, o qual exige-nos o desconectar-se das experiências coloniais.

Em três dias de itinerância, no território Xukuru do Ororuba, não presenciamos a artificialidade, nem a censura. O conhecimento é vivenciado de maneira espontânea, valorizando os diferentes espaços e reverenciando a natureza sagrada nas práticas educativas e religiosas.



JAQUELINE BARBOSA DA SILVA – Núcleo de Formação Docente – Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
LÚCIA FALCÃO BARBOSA - Departamento de História – Universidade Federal Rural de Pernambuco/ UFRPE

O conhecimento tradicional é aprimorado com a presença das lideranças, pajés e mais velhos, recepcionando o público escolar e não escolar, aqueles que pertencem ao povo e/ou vinculam-se ao mundo não indígena.

Assim, o desafio é coletivo e a aprendizagem passa a ser sistematizada no fazer escolar, exigindo o aprimoramento no decorrer do tempo.

O homem se faz ao se desfazer: não há mais do que risco, o desconhecido que volta a começar. O homem se diz ao se desdizer: no gesto de apagar o que acaba de ser dito, para que a página continue em branco. Frente à autoconsciência como repouso, como verdade, como instalação definitiva na certeza de si, prende a atenção ao que inquieta, recorda que a verdade costuma ser uma arma dos poderosos e pensa que a certeza impede a transformação. Perde-te na biblioteca. Exercita-te no escutar. Aprende a ler e a escrever de novo. Conta-te a ti mesmo a tua própria história. E queima-a logo que a tenhas escrito. Não sejas nunca de tal forma que não possas ser também de outra maneira. Recorda-te de teu futuro e caminha até a tua infância. E não perguntes quem és àquele que sabe a resposta, nem mesmo a essa parte de ti mesmo que sabe a resposta, porque a resposta poderia matar a intensidade da pergunta e o que se agita nessa intensidade. (LAROSSA, 2010, p. 41).

Larrosa (2010) ao provocar-nos o exercício do inacabamento, instaura a vivência de uma metamorfose, fazendo-nos redizer na vivência do dia a dia.

No nosso entender, as lentes do ver-e-ler a tradição, desprendendo-se do saber-mundo colonizador, pressupõe a incompletude, exige-nos o refugiar das verdades instauradas pela Ciência.

Ou seja, as referências do saber-mundo-científico deixam de ser únicas, aproximando-nos de epistemologias outras que vão pronunciando-se na medida que as certezas passam a ser relativizadas e a Ciência tende a uma transformação social.

O ver, sentir e escutar no povo Xukuru: breves considerações

A espontaneidade demarcada na opção metodológica escolhida para rememorar o ver, sentir e escutar o povo Xukuru, pressupõe uma incompletude, entre outras por reconstituir este trajeto através do gênero texto.

A narrativa das vivências no território Xukuru nos desafia ao ter que traduzir para a escrita o que os olhos nos presentearam, bem como pela mesma ter sido



JAQUELINE BARBOSA DA SILVA – Núcleo de Formação Docente – Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
LÚCIA FALCÃO BARBOSA - Departamento de História – Universidade Federal Rural de Pernambuco/ UFRPE

rememorada no seu trajeto de vida, na roda de leitura da Escola Indígena Memby. O que há em comum entre a história dos não indígenas que acessam o povo através de diferentes motivações e a dos indígenas Xukuru? Ambos, com sua luta, tiveram que encontrar um jeito de sobreviver as armadilhas do mundo-colonial-hegemônico para serem reconhecidos aos olhos daqueles/as que passaram a habitar o seu cotidiano.

De modo geral, fundamo-nos dos sentimentos, mesmo correndo os riscos de fugir daquilo que espera-se de um texto acadêmico. Essa opção não afastou-nos da Ciência que defendemos, sendo os conhecimentos próprios do Povo o paradigma eminente em defesa de suas vozes.

Assim, o que vemos não atrela-se as lentes colonizadoras que verticalizam o conhecimento, atribuindo legitimidade as geopolíticas globais e as epistemologias do norte. Outrossim, evidencia as possibilidades outras que caminham contrárias a hegemonia da colonização.

Essa vivência reafirma que não somos os mesmos depois de acessar o território Xukuru e desfrutarmos do cotidiano de seus sujeitos. Nos transformamos na medida em que rememoramos nossas práticas e nos disponibilizamos a conhecer cada um e cada uma com suas particularidades constituindo juntos/as uma comunidade de aprendizagem, narrando e conhecendo o existir, o pensar e o intervir no âmbito do campo educativo.

O laço estabelecido entre a minha trajetória acadêmica no PIBID Diversidade e a vivência pedagógica proporcionada no território indígena Xukuru ativa ações que envolvem, de maneira muito particular, um projeto político curricular de desenvolvimento profissional em elaboração que apoia-se nas vivências pedagógicas e escritas que atualizam-se e intensificam-se mediante aqueles/as que não são invisibilizados/as. Dito de outro jeito, o período de estudo e reflexão, proporcionado com a licença capacitação, fez-nos reascender a criatividade narrativa e resgatar a fertilidade investigativa advinda da sistematização, rigorosa e exaustiva, própria da



JAQUELINE BARBOSA DA SILVA – Núcleo de Formação Docente – Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
LÚCIA FALCÃO BARBOSA - Departamento de História – Universidade Federal Rural de Pernambuco/ UFRPE

amplitude e enfoques advindos do acervo bibliográfico da área das narrativas (auto)biográficas.

Porém, o entrecruzamento entre o que nos toca e o próprio resultado desta rememoração autoformativa revelou os vazios, inconsistências e pontos de fugas evidenciados pelo desafio aceito em aproximarmo-nos, como iniciante, da temática e das imprecisões com o território escolhido, fazendo-nos afirmar que as vozes do povo Xukuru do Ororubá sugere a refundação do globo-local, exigindo-nos a ampliação do ouvir de outros sujeitos, tão invisíveis quanto os invisibilizados indígenas.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto e FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Narrativas (auto)biográficas de formação e o entrelaçamento com a autorregulação da aprendizagem. **(Auto)biografia e formação humana**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
ARFUCH, L. **La entrevista, una invención dialógica**. Barcelona (Espanha): Paidós, 1995.

BOLÍVAR, Antonio; DOMINGO, Jesús. La investigación biográfica y narrativa en Iberoamérica: Campos de desarrollo y estado actual. **Researchqs Forum Qualitative Social**, vol. 7, n. 4, art. 12, septiembre 2006.

CAPRIATI, Alejandro J. El método biográfico : una tradición que se renueva. Apuntes sobre sus usos y desafíos. **Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**, Editora CRV, Curitiba/PR, 2016. pp. 219-324.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, jan./abr. 2016. pp. 133-147.

Biographisation des parcours entre projet de soi et cadrage institutionnel. **Insertion, biographisation, éducation**, INETOP/CNAM, 2007. pp. 9-17.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascadas**. 5ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MARTÍNEZ, Teresa Álvarez. **Descolonizar la palabra. Literatura y discurso em**



JAQUELINE BARBOSA DA SILVA – Núcleo de Formação Docente – Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
LÚCIA FALCÃO BARBOSA - Departamento de História – Universidade Federal Rural de Pernambuco/ UFRPE

África subsahariana, Icaria Editorial, Barcelona, 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, jan./abr. 2016. pp. 67-86.

PERNAMBUCO. **Meu povo conta**, 2. ed., Olinda/PE: Centro de Cultura Luiz Freire, 2006.

SILVA, Janssen Felipe da; SILVA, Everaldo Fernandes da; SILVA, Jaqueline Barbosa da. Educação Populares e Movimentos Sociais nas Crises da Modernidade: um olhar através dos Estudos Pós-Coloniais. **Lumen**, v. 23, n. 1, jan./jun., 2014. pp. 09-26.

SILVA, Jaqueline Barbosa da. Formação, pesquisa e práticas no contexto da educação escolar indígena: as ações do Pibid Diversidade no povo Xukuru do Ororubá. **Ñanduty**, v. 5, n. 7, 2017. pp. 139-159.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007. pp. 59-74.

SUÀREZ, Daniel H. Docentes, relatos de experiencia y saberes pedagógicos: La documentación narrativa de experiencias en la escuela. **Investigación Cualitativa**, vol. 2, n. 1, 2017. pp. 48-60.

_____. Espacio (Auto)Biográfico, Investigación Educativa y Formación Docente en Argentina. Un mapa imperfecto de un territorio en expansión. **RMIE**, 2014, vol. 19, n. 62, 2014. pp. 763-786.

Recebido em janeiro de 2018

Aprovado em abril de 2018